

PÁGINA VIOLADA

José D'Assunção Barros¹

Aproximo-me.

Agrido o teu papel

Com meus dolorosos versos.

A caneta o risca, como uma faca

O sangue negro emerge, bem comportado

Foi tão pouco o que aconteceu, na carne do teu papel...

Mas, ainda assim, tudo grita em tua pele clara

Ah, pobre página violada

Já não és mais branca

Tampouco santa

Perdeste o silêncio

que te refazia virgem

Um caminho de letras negras

Vaza a ti, de parte a parte

¹ Professor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História, e Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Email: joseassun57@gmail.com

Estás triste...

Não importa contra
Que mensagem alegre

Mas ao menos era um poema

E não o princípio de um tratado

E nem era uma lei
Ditada às pressas

Tampouco era um parecer burocrático

A te manchar de tédio
Ao te colar o carimbo infame
Era um poema!

Aceita-o, como um filho
Aceita as marcas cesarianas
Aceita os rastros da caneta

Que te fez mulher